

*(Saudações)*

Um excelente dia a todos.

Porque hoje é, de facto, um dia excelente.

Seria difícil, desde logo, estarmos num local mais adequado do que este.

Falámos, aqui, de que cidadãos queremos formar quando lhes exigimos - e muito bem - que passem 12 anos na Escola.

O “aqui” é um pavilhão que tem o “conhecimento” no nome e um auditório que homenageia um dos melhores de nós, e dos que mais trabalhou em prol desse mesmo conhecimento e da Educação que hoje procuramos desenvolver.

Uma palavra pois - de saudade, de reconhecimento, mas também de confiança em que saberemos honrar o seu legado – ao “Senhor Ciência Viva”, ao enorme José Mariano Gago.

Hoje não temos um produto para apresentar a Educação.

Na Educação não há produtos prontos a consumir ou fatos prontos a vestir.

Na Educação, todo o trabalho é um processo e todos os processos são a mais nobre alfaiataria.

Hoje, apresentamos antes as bases, o enquadramento que interpela toda a comunidade para que, esta sim, seja o alfaiate final que vai dizer - provida do contexto com que hoje lhe propomos para debate - que aluno deseja, necessita e espera que a escolaridade obrigatória transforme, que cidadãos queremos e precisamos, e como queremos formar as novas gerações.

Hoje, tivemos acesso a um trabalho empenhado, sábio, ponderado e consciente, simultaneamente, dos imperativos que a sociedade de hoje nos coloca e da inutilidade de tudo querer agora e já,

Um trabalho plenamente consciente de que a Educação, como dizia há pouco, tem uma natureza de processo colaborativo e orgânico e não de produto finalizado e imutável.

Este Grupo de Trabalho pergunta-nos e à Comunidade, ou seja, a todos, “que aluno deve a Escolaridade Obrigatória - na qual Portugal investe recursos públicos dessa mesma comunidade, -

que aluno deve a Escolaridade Obrigatória educar?”.

A consulta pública que agora se inicia é, portanto, fundamental para que, participadamente, este importante documento possa ser um guião de práticas, bem mais do que um mero guia de intenções.

Este trabalho de mobilização cabe-nos a nós iniciá-lo - e por isso o fazemos aqui e com este ênfase - mas também nos caberá a nós mobilizar todos os que têm algo a dizer sobre como Educar os nossos Educandos.

Para podermos extrair as orientações que este documento contém e torná-las em práticas efetivas que, hoje, construam um melhor futuro, importa também tirar este documento do sítio eletrónico da DGE, onde se encontrará publicado.

Importa passá-lo de mão em mão, de cabeça em cabeça; por todos os agentes educativos, nas Escolas, nas autarquias, nas cidades e vilas, nas empresas e comunidades, nas famílias e educadores.

Só assim este perfil poderá ser o perfil em que todos se revejam e que seja o perfil que nos faz falta, porque nos faz sentido, acrescenta valor e, por isso, perdura.

Ontem mesmo, iniciamos os trabalhos da fase de ação do que será a nossa Estratégia Nacional de Competências – de forma concertada entre vários ministérios, e entre estes e a OCDE e a Comissão Europeia.

Desafio tão mais importante quanto o mundo de hoje já nos mostrou e bem como é datada e inútil a velha discussão entre conhecimentos e competências; e como o que agora importa aprender é a ensinar competências que ainda não sabemos quais serão, porque a vida e o mundo ainda não as exigiriam.

Não é um desafio pequeno, este, perante o qual todos estamos confrontados.

Atentos, confiantes, sem certezas acabadas nem dogmas erguidos, mas perante um desafio com o qual não nos vergamos.

Porque, além do mais, de nada nos valeria ter medo deste confronto.

Apesar dos medos que muitos sentem, e apesar da tentação das respostas simplistas que seduzem mais do que os que gostaríamos que a essas respostas fossem permeáveis; acreditem que o mundo não vai ser menos complexo apenas porque alguns nos dizem que já o foi.

E que quando o era, tudo era melhor, numa espécie de pós-verdade altamente desmentível; nos números e nos factos.

O mundo é complexo, sê-lo-á mais, e ainda bem que para nós também é complexo. Esta coincidência significa que competimos e nos situamos nas relações e nas regiões mais dinâmicas e prósperas do globo; e num estádio da humanidade que nunca foi tão próspero, económica, social, cultural, política e, desde logo, civilizacionalmente.

Convém, pois, pararmos por vezes um momento para pensarmos como avançar é, efetivamente, distinto de recuar.

Temos, naturalmente, dificuldades e desafios.

Algumas dificuldades e alguns desafios acrescentados nos últimos anos.

E aos quais estamos a responder com todas as energias que temos e com todo o saber que conseguimos convocar.

Mas sabemos mais hoje do que sabíamos ontem.

Somos mais competentes hoje do que éramos ontem.

Somos mais qualificados hoje do que já fomos, por muito que uma dimensão essencial desta qualificação tenha sido atacada e quase destruída. Não o foi completamente porque deixou semente. E era impossível destruí-la na totalidade.

Ainda bem. Edificamos a partir das suas ruínas.

Somos, dizia, mais realizados hoje do que jamais os nossos antepassados o foram.

Somos mais tolerantes, mais abertos ao outro e à humanidade do que alguma vez os povos foram. Mesmo o português, que historicamente sempre o soube ser.

Somos, numa palavra, mais cidadãos do que alguma vez fomos.

Somos filhos e netos da cidadania democrática e, sim, somos filhos e netos da civilização europeia do pós-guerra, a mesmíssima civilização que só nós e os nossos descendentes podemos defender com orgulho, exigência e, sim, com todo o nosso empenho.

Por este facto, temos uma fundamental responsabilidade.

A responsabilidade de respondermos a esta cidadania democrática com cidadãos melhor dotados para poderem exercer, - tão plenamente quanto possível, e tão progressivamente quanto desejem - a sua condição cidadã de cidadãos democráticos, políticos, económicos, sociais e culturais.

De cidadãos de pleno direito com plenos direitos e, logo, com capacidades e competências para os exercerem também plenamente.

Só esta progressão geométrica poderá melhorar a nossa democracia, a nossa cidadania, a nossa política, a nossa economia, a nossa sociedade e a nossa cultura.

Só esta progressão geométrica poderá garantir a irreversibilidade daquilo que já intuimos que já o seja hoje: a permanência irreversível de uma Europa democrática e próspera, que contagie o resto do planeta com o seu exemplo, mas também com a sua cooperação, com a sua solidariedade e, mais importante, com a exigência de cidadania consciente, crítica e ativa que os seus cidadãos lhe dirijam.

Ora, jamais esta progressão geométrica é possível sem Educação, e sem a Educação saber o que quer daqueles que Educa.

E quer, forçosamente, muitas coisas.

Quer poder comunicar com os que educa através da escrita e da leitura, como quer que eles sejam dotados com os números e com a aritmética.

Mas não para aqui.

Porque não pode parar aqui.

O mundo há muito que não para aqui.

O mundo exige dos cidadãos que lidem, hierarquizem e pensem com, e sobre, quantidades enormes de informação.

E o mesmo mundo espera que todos – às vezes a todo o momento – comuniquem o que sobre essa informação pensam; valorizando a forma crítica, criativa e relacional com que o fazem.

Como se em cima da informação houvesse uma edição quase autoral.

Do “*que sei eu*”, passamos “*ao que penso eu*” e “*ao que digo eu*”.



É nesta exigência de diferenciação que a afirmação de cada um se joga.

E é neste processo que a realização intelectual, profissional e, até, cívica de cada um ocorre.

Não há mais – e há muito que não as há - ciências ditas “duras” e ciências ditas “moles”; saberes essenciais e saberes dispensáveis; conhecimento material útil e cultura acessória e inútil.

Há ciência, há saber, há conhecimento, há cultura, há expressão, há saúde, há cidadania. Porque há pensamento e raciocínio.

A resolução de problemas há muito que não passa apenas por saber a tabuada ou enumerar autores clássicos ou contemporâneos.

Nada prejudicará, a cada um de nós, saber a tabuada e conhecer quem são os seus autores. Muito pelo contrário.

Mas o que o mundo nos pede vai muito além disto.

Se o mundo é um circo, nós somos agora os seus malabaristas.

Os que convocam tudo para tudo poderem ser e efetivamente tudo serem.

Não ao mesmo tempo e da mesma forma.

Antes justamente procurando construir, e construindo de facto, a sua interpretação pessoal e a sua composição alquímica das porções de todas as dimensões que referi e que façam sentido à sua vida.

Que acrescentem sentido a quem são, ao que gostam, ao que percebem ser os seus deveres, os seus direitos e ao que sentem ser o seu prazer.

Aqui reside o lugar ampliado que é o lugar da Escola nos dias de hoje.

Um lugar no qual tudo o que se faz – e faz-se tanto e tão bem – procura contribuir para este compósito, para que este perfil se realize.

Um lugar no qual se aprende, e por isso se conhece primeiro e se experimenta logo a seguir.

Um lugar no qual se questionam certezas e dúvidas, e logo se procuram respostas e teses, sabendo bem que - como na ciência -

também no conhecimento, o caminho da tentativa/erro não é um percalço.

É o caminho. Faz parte de quem somos. Porque faz parte de quem devemos ser.

A Escolaridade Obrigatória de 12 anos, complementada com uma universalização do pré-Escolar aos 3 anos, é hoje tão essencial aos cidadãos quanto a salubridade, a alfabetização, o acesso à saúde e os direitos democráticos nos foram há apenas quatro décadas e quase três anos.

Este é, pois, o nosso dever cidadão e enquanto responsáveis políticos: fazer da Escola o lugar efetivo onde a cidadania começa. Fazer da Educação um Serviço Nacional que o Estado garanta aos seus cidadãos e que acrescenta sentido e valor às suas vidas.

É esse trabalho que hoje, e aqui, recomeça.

É esse trabalho que, amanhã, depois e depois; nas Escolas, em nossas casas, nos nossos trabalhos e nas nossas Comunidades, todos os dias nós continuaremos.

É esse trabalho que, daqui a uns anos, os que agora educamos, por nós avaliarão.

E não haverá certamente clemência no seu olhar.

Haverá, estou seguro, muita justiça, e estou confiante que olharão para o que lançamos aqui hoje, não como um produto acabado pelo qual nos agradecerão, mas antes como um processo vital que ousámos iniciar e que eles saberão aprofundar.

E essa, acreditem, será a maior vitória a que podemos almejar. Saber que ao sentido que hoje propomos, outros acrescentarão ainda mais sentido.

Por isso vos agradeço hoje e por isso todos agradeceremos no futuro aos que hoje temos a responsabilidade de educar.

Muito obrigado.

Tiago Brandão Rodrigues

Ministro da Educação

11 de fevereiro de 2017